Ser muitos

Clotilde Perez[1]

· *IV* ·

"Viver é ser outro..."
Fernando Pessoa

Conheci como deus ou ainda como vigorosa, ruidosa e significante manifestação dele, trovão. Surpreendentemente passou à conquistador e vitorioso, o

1. Professora associada do Curso de Publicidade e Propaganda, chefe suplente do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo na USP. Bacharel e mestre em Administração. Doutora em Comunicação e Semiótica. Autora de *Mascotes, semiótica da vida imaginária*.

que revela que, por imposição familiar de outrora ou escolha deliberada, força e excepcionalidade são constitutivas de sua identidade. Sempre acreditei que os nomes, de pessoas, projetos, cidades, ou qualquer fenômeno de qualquer natureza imaginável ou vivido, carrega valores, importâncias, o que de fato é relevante e significativo para nós. Quando imposto, valores aspirados pelo autor da determinação, quando escolhido por quem os carrega ou nomeia, valores vividos e esperança.

Conheci antes como autor de um dos livros da coleção "Contato Imediato" da editora Global, ainda nos anos 80, com a obra "Opinião Pública, os bastidores da ação política". Uma referência nos estudos da Comunicação e, em particular, nas suas interfaces com as Relações Públicas e a Comunicação Pública, abordando temas como ideologia, poder, democracia, soberania, todos conceitos de grande complexidade histórica e reflexiva, multidisciplinares, mas trazidos com precisão e leveza, típicos da competência e da maturidade intelectual do autor. Para mim, que chegava aos 18 anos e nem sonhava com o encantamento que a Comunicação e a vida acadêmica assumiriam na minha história, lia e relia achando aquelas reflexões um primor e um presente: como era bom ter acesso a textos que simplificam e ao mesmo tempo contribuem para o nosso desenvolvimento intelectual, sem sofrimento... Como poderia eu vislumbrar que anos depois teria o privilégio de sua companhia cotidiana no seio da melhor Universidade deste país? Presentes que a vida nos reserva...

Ser muitos

Conheci pessoalmente, em 2002, como professor e, posteriormente, como Chefe do Departamento CRP, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da ECA, na Universidade de São Paulo - USP, posição institucional que congrega o reconhecimento da trajetória e importância acadêmica na área, bem como a capacidade de gerenciamento de recursos e, em particular, de pessoas. A descomplicação, a positividade diante de questões complexas, a flexibilidade, o bom humor e o apoio incondicional às boas ideias e iniciativas de todos, professores, funcionários e alunos, foram e são traços de sua personalidade, o que explica sua trajetória de grande êxito nos diversos cargos ocupados na USP, desde presidências de comissões, chefias, coordenações e direção da faculdade. Aliar características tão distintas com primazia não é comum: ser um excepcional professor e pesquisador e também gestor não é fácil... Nesses mais de 20 anos de vida acadêmica, posso afirmar, com toda a segurança, que conheci menos que o contar dos dedos de uma mão, pessoas com esse perfil: o de ser competente em todas as áreas dessa estressante e saborosa vida universitária.

Conheci gaúcho, tupanciretanense, orgulhoso de sua origem, como deve ser. Para não negar a condição natalina, logo notei seu gosto pela conversa solta, pela história vivida, imaginada, ouvida ou tudo isso junto; pela performance cheia de sentido entremeada de requintado bom humor... Fatos históricos resgatados da memória hibridizados e ressignificados pela imaginação e pela inventividade alegre

Ser muitos

e descompromissada. Ora míticos, ora heroicos, mas sempre verdadeiras epopeias que encantavam e encantam os que têm o privilégio do convívio.

Conheci o avô dedicado e amoroso que se emociona com a beleza, ingenuidade e a inteligência festiva de seus netos; mas também dos filhos dos colegas e amigos, tornando-o assim ele próprio, uma criança aberta à experimentação e ao gozo da vida vivida com sentido, a continuidade.

Mas a melhor maneira de falar de uma pessoa é, a meu ver, por meio de suas criações, suas produções, suas obras. O que edificamos durante nossa vida diz quem somos, o que queremos, percebemos e valorizamos. Trazem nosso sentido de pertinência a este mundo. E falar de um pesquisador-professor-autor nos leva aos seus textos, materialidade física das ideias, invariavelmente, textos acadêmicos, com explorações conceituais didáticas e preocupações pedagógicas, mas no caso, não era tão simples assim... O pesquisador-professor-autor também escreve contos, romances, crônicas, ensaios, dramaturgias..., daí que não foi fácil eleger. Quem navega por tantas áreas como Comunicação, Publicidade, Relações Públicas, Moda, Consumo, Estética e Arte e ainda transita pelos diferentes gêneros literários, com mais de cinquenta livros publicados, nos deixa inebriados, quase sem condições de escolha. Eleger é sempre um sofrimento porque implica em refutar um universo à favor de um, também

Ser muitos

é uma perda. Mas vamos lá. Destaquei o "um" de sua vasta obra, um livro, que desde o seu lançamento me chamou a atenção "O Padre e o Açougueiro", que tenho o privilégio de ter um exemplar dedicado. A sacralidade de uma instituição milenar, representada pelo homem teoricamente apartado da carne-pecado e o cotidiano prosaico de um comerciante de carne... Me parecia uma aproximação inusitada, o que me induzia à sugestão de uma leitura instigante e divertida pela promessa de uma cena vivida, presenciada ou imaginada pelo autor? Não importa, sempre saborosa!

Em 24 de Julho de 2013, horas após o lançamento de *O Padre e o Açougueiro* no CRP ECA USP, já tinha mergulhado na história localizada em uma distante cidadezinha de tradição pecuarista, nos confins do Rio Grande ("do Sul", o Rio Grande é tão imenso que se basta na sua singularidade; não conheço gaúcho que se lembre da existência de um Rio Grande do Norte...) em tempos passados há mais de um século, o que garantia o contexto de fartura, mas também de tradições e condutas sociais rígidas, emoldurando pessoas, construindo a hipocrisia parasita "nossa". Ou como melhor se refere o autor "Gente para a qual sobrava o que havia de material e faltava de lustro em solidariedade e generosidade" (p. 13).

Os ingredientes eram extraordinários, cidadezinha pequena e distante, tempos longínquos, paróquia em que não parava padre algum, a mulher do fazendeiro local que

Ser muitos

mandava em tudo e também na igreja, o açougueiro, a filha do açougueiro, o médico... E mais, a chegada de um padre vegetariano! No melhor "estilo" caverna de Platão (428/348 aC.), como pode um padre ser vegetariano em terras pecuárias? Tamanha inovação (a realidade vinda de fora da caverna) tinha que ser combatida (como no mito grego da caverna, quem trouxe a inovação "de fora" era achincalhado e tinha de morrer). Como atrapalhar a normalidade da vida horizontalizada pelo repetir do cotidiano que fazia fortalecer cada um dos atores em seus sempre fixos lugares? O poder, na história representado pela mulher do fazendeiro que "cuidava" da vida alheia e da igreja e o pretenso poder institucionalizado do padre, em franca tensão. E a mulher mandava mesmo, "Ao que parece, segundo qualquer um podia entender, ela mandava e desmandava com um padre ou sem um padre presente na paróquia. Era como se fosse ela mesma a representante de deus na terra" (p. 15-16).

A mesa posta, atores em cena. Ingredientes perfeitos para uma narrativa com relevo envolvente. E é. As tensões foram sendo apresentadas misturadas pelo caminho adentro de cada personagem. Pouco a pouco se conhece mais de cada um, o que costura o percurso inevitável da iminência dos conflitos. Por que nenhum padre parava na paróquia de Guambu-Guaçu? O primeiro desvendar se apresenta pelos conflitos entre a mulher do fazendeiro, Dona Vivi Knaupp e o padre Max Lamborghini, que desde as apresentações formais ficaram evidentes. Dona

Ser muitos

Vivi determinava os horários da missa, ao que padre Max não acatava, impondo com delicadeza seus anseios. A mulher tentava impor o tom condenatório da homilia, sugerindo que o padre criminalizasse um grupo de cidadãos que tinha aberto um centro espírita na cidade, ao que padre Max respondeu com um sermão em torno do amor e da autolibertação da arrogância, do preconceito e do egoísmo. E o embate crescia.

Pelas suas características físicas, o padre, descendente de italianos, não tardou em ser chamado de judeu, claramente em decorrência da maledicência de Dona Vivi Knaupp e de seus multiplicadores de amargura. Mas a maior ofensa ainda estava por vir. Dona Vivi estava indignada porque o padre não comia os bifes, almôndegas e assemelhados que ela enviava a ele, uma vez que era responsável também pela alimentação do sacerdote. Ao questioná-lo, o padre responde que é vegetariano. "Aquilo soou como uma bomba em um território onde todo mundo já nascia comendo carne" (p. 20). E o hábito alimentar pessoal do religioso virou de domínio público, quase pecado e alvo de comentários degradantes e indignações de toda a cidade. O tema adentrou a reunião dos jovens, onde estava presente a filha do açougueiro, Maria Isabel, professora na escola local. A moça, que havia sido "deixada" às vésperas do casamento (pelo sobrinho de Dona Vivi) e que apreciava os bailes locais, o que rendeu a alcunha de "Maria Sovada", contou a notícia a seu pai, o açougueiro Malaquias, que ficou intrigado, uma vez que fornecia boa

quantidade de carne à Dona Vivi tendo como destinatária a alimentação do pároco.

Desde que soube que padre Max era vegetariano, Dona Vivi Knaupp não ia mais à casa paroquial, mas mandava a comida por uma de suas empregadas. Nessa rotina, a menina Simpliciana, encarregada da tarefa, adentra a casa paroquial e é atraída por risadas e gemidos vindos do fundo da casa. Com a porta entreaberta, a menina visualiza o padre Max com Maria Isabel, ambos em "trajes menores" em franca diversão. Claro, corre ao encontro de Dona Vivi para contar-lhe o ocorrido, com riqueza de detalhes e, possivelmente, muita imaginação pueril. A megera se delicia com a história "... ato de inominável calamidade moral, que punha em risco a segurança daquela vidinha regularmente vigiada por padrões dos quais ela própria era o agente mais qualificado..." (p. 29). Estava ali, diante da fera, a oportunidade de acabar definitivamente com o padre Max. Não tardou em convencer o editor do jornal local a publicar uma edição inteira, pagando integralmente todos os custos e zelando pela sua franca e rápida distribuição na manhã do domingo. E em três quadrinhas apócrifas, deu-se assim a difamação:

Na noite de sexta-feira
Fato grave aconteceu
Acharam Maria Sovada
Na cama com o judeu.
Na sacristia sagrada

Ser muitos

Em frente à Virgem Maria
O padre e a mulher sovada
Pecavam e ninguém mais via
Cansado de dizer missa
Sem se dar conta do mal
O padre vegetariano
Provava do amor carnal

E o objetivo foi então alcançado. "Nunca se soube exatamente qual terá sido sua reação. O certo é que não ficou ali nem mais um instante para dar qualquer explicação... Sem vestir batina, pegou a bicicleta e tomou o caminho da cidade vizinha, sendo apenas avistado na estrada, de longe..." (p. 35). Padre Max Lamborghini desertou e Maria Isabel caiu novamente na "boca do povo", mesmo com todas as dúvidas sobre a realidade dos fatos. Afinal, havia um álibi do médico da cidade que havia dado carona à moça vinda da zona rural, além do fato de ela ter trabalhado com o pai o dia todo na separação dos utensílios para uma "carneada" que ocorreria na manhã seguinte. Dona Vivi, na dúvida sobre a veracidade da história contada pela menor e receosa de que descobrissem a autoria da publicação, não teve dúvida, despachou a guria por meses para outra cidade.

Estrago feito, amenizado apenas pelo relato do médico José Mattos Sobrinho, que afirmou ao bispo da diocese, Dom Sinfrônio Weiss, a quem o religioso respondia, que jamais Maria Isabel poderia ter estado com o padre Max

Ser muitos

na casa paroquial, ao menos naquele dia e horário. Depois de acender um charuto, o bispo concluiu que tudo parecia ser uma grossa mentida da megera Dona Vivi Knaupp contra o padre Max Lamborghini e a filha do açougueiro. Mas o bispo sagaz aproveitou a oportunidade para acabar de uma vez com a história de que padre nenhum parava na paróquia em Guambu-Guaçú e iniciou a busca de um "vigário ideal para um povo doentiamente desnorteado" (p. 43), que fosse mais soldado que general, que não tivesse pretensões políticas, nem buscasse desenvolvimento na carreira eclesiástica, que fosse imune a qualquer tipo de assédio, pressão, simpatia ou antipatia. E acabou por escolher o padre Sinfrônio Bernadet, que ali ficou por mais de 50 anos. Padre Bernadet proporcionou à cidade a presença de um religioso permanente, mas do mesmo modo, parecia cumprir com a missão de retardar o processo de evolução social, cultural e econômica da cidade: tudo era religiosamente mantido como antes, mesclando o presente e o futuro retidos no passado... "Uma cidade pequena que continuou pequena, enfrentando dilemas, escândalos e acidentes" (p. 101). Lugar de sofrimentos.

Mais do que clareza, objetividade, precisão e bom humor, características inquestionáveis da obra O Padre e o Açougueiro, o autor joga com sua capacidade de conversador, nos oferecendo a riqueza descritiva dos detalhes de personagens, lugares e acontecimentos, com a sensibilidade das interpretações e juízos diante deles. Apesar da concretude da história, a leveza da forma

Ser muitos

narrativa é um convite à imaginação, associando história contada, com a história de cada um... Semelhanças com outros padres, açougueiros, senhoras autoritárias, moças, médicos? Certamente muitas.

O Padre e o Açougueiro é uma metáfora da condição humana no mundo. Convicções, regras, ignorância, intrigas, poder, difamação, hipocrisia, sexo e lampejos de afetos. Mas a superação da ignorância passa, como os gregos já atestavam há muitos séculos, pelo domínio das coisas sensíveis (eikasia e pístis) e pelo domínio das ideias (diánoia e nóesis). O mundo das ideias é o mundo "verdadeiro", da perfeição, do conhecimento, mas a maioria da humanidade vive no mundo sensível apenas. Sair da ignorância, lutar contra falsas crenças, preconceitos, ideias enganosas que deixam a todos inertes em suas poucas possibilidades, deveria ser o objetivo da vida de cada um de nós. Em Guambu-Guaçu a força social que "igual caranguejo dentro do saco que impede o outro de sair puxando-o pra baixo", achata e aniquila qualquer possibilidade de mudança. Todos vivem no mundo dos fatos cotidianos e não alcançam as ideias. Uma história longe no tempo e no espaço, mas que se encontra presente perto de todos, muito concreta.

Retornando ao nosso quase-patrício Fernando Pessoa "Viver é ser outro...", tomo a liberdade de expandir a ideia do poeta... Viver é ser muitos... Plurais. No exercício pleno de nossas múltiplas capacidades, esgarçando as bordas, as

Ser muitos

regras, padrões, imposições, desafiando certezas, limites e modelos. Exercício da liberdade que nos dá a certeza da vida. Como Clarice Lispector nos brinda "Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada", assim também é Victor Aquino, muitos. Vive a vida integral, com imensa diversão e divertindo, para além dos ditames da razão e do esperado socialmente. Ensina, surpreende e emociona.

E foi assim que conheci Tupã, Victor Aquino, gaúcho, querido professor, autor, romancista, dramaturgo, contador de histórias, chefe, amigo... A você, Victor, todo o meu reconhecimento e minha gratidão pelo privilégio do convívio e pela permissão de compartilhar os melhores afetos.

Victor, será que a família de Dona Vivi Knaupp comia a carne destinada ao religioso, enquanto o religioso comia a filha do vendedor de carne, o açougueiro? Ou a filha do açougueiro comia o religioso que não comia carne porque era vegetariano? Vai saber... Muitas possibilidades...